

**A Saga Amorosa em narrativas de vida  
transclasses: um olhar sobre a obra  
*A Princesa*, de Fernanda Farias de  
Albuquerque e Maurizio Jannelli**

The Love Saga in pass-classing life narratives: a  
look at *A Princesa* by Fernanda Farias de Albuquerque  
and Maurizio Jannelli

La Saga de Amor en las narrativas de vida transclase:  
una mirada a *A Princesa* de Fernanda Farias de  
Albuquerque y Maurizio Jannelli

Giovanna Bardini

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20132>

PROA

revista de antropologia e arte

**dossiê** volume 15 | e025030

## resumo

O artigo tem como proposta analisar como a noção de Saga Amorosa é identificada na obra *A Princesa: a história do travesti brasileiro na Europa* escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha (1995). Para isso, é adotada uma metodologia interpretativa de trabalho em que há um diálogo constante entre o corpus e os conceitos de referenciais teóricos provenientes da Semiologia, como disciplina-base, e de outros campos de saber, como os Estudos de Gênero e Estudos Queer, através de uma interdisciplinaridade focalizada. A partir da produção epistemológica de pensadoras transfeministas, constatou-se que a transfobia, a performatividade dentro dos moldes de uma normatividade binária, o ciúme, as ideações suicidas e os dilemas financeiros circundam não apenas a Saga Amorosa de Fernanda, uma transexual brasileira trabalhadora sexual, mas também insistem em marcar negativamente a vida afetiva de diversas pessoas dissidentes de sexo e de gênero hodiernamente. Desse modo, a narrativa de vida do ser-que-se-narra, apesar de singular, se abre para a impossibilidade de isolamento das suas memórias a nível individual, demonstrando que os atravessamentos são potencialmente coletivos.

**Palavras-chave:** Saga amorosa; Narrativa de vida; Transclasse; Prostituição; Fernanda Farias de Albuquerque.

## abstract

The article aims to analyze how the notion of Love Saga is identified in *A Princesa: a história do travesti brasileiro na Europa* written by one of the leaders of the Brigada Vermelha (1995). To achieve this goal, an interpretative work methodology is adopted in which there is a constant dialogue between the corpus and the concepts of theoretical references coming from Semiotics, as the main discipline, and other fields of knowledge, such as Gender Studies and Queer Studies, through of a focused interdisciplinarity. Based on the epistemological production of transfeminist authors, it was found that transphobia, performativity within the framework of a binary normativity, the feeling of jealousy, suicidal ideations and financial resources dilemmas not only affect the Love Saga of Fernanda, a Brazilian transsexual sex worker, but they also insist on negatively impacting the love lives of several sex and gender dissident people today. In this way, the life narrative of the person-who-is-narrated, despite being singular, opens up to the impossibility of isolating their memories at an individual level, demonstrating that the experiences are potentially collective.

**Keywords:** Love Saga; Life narrative; Pass-classing; Prostitution; Fernanda Farias de Albuquerque.

## resumen


El artículo tiene como objetivo analizar cómo se identifica la noción de Saga de Amor en la obra *A Princesa: a história do travesti brasileiro na Europa* escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha (1995). Para ello, se adopta una metodología de trabajo interpretativa en la que existe un diálogo constante entre el corpus y los conceptos de referentes teóricos provenientes de la Semiología, como disciplina principal, y de otros campos del conocimiento, como los Estudios de Género y los Estudios Queer, a través de una interdisciplinariedad enfocada. A partir de la producción epistemológica de autoras transfeministas, se encontró que la transfobia, la performatividad en el marco de una normatividad binaria, el sentimiento de celos, las ideaciones suicidas y los dilemas de recursos financieros no sólo afectan a la Saga Amorosa de Fernanda, una trabajadora sexual transexual brasileña, sino que también insisten en impactar negativamente la vida amorosa de varias personas disidentes sexuales y de género en la actualidad. De esta manera, la narrativa de vida de la persona-que-se-narra, a pesar de ser singular, se abre a la imposibilidad de aislar sus recuerdos a nivel individual, demostrando que las experiencias son potencialmente colectivas.

**Palabras clave:** Saga de amor; Narrativa de vida; Transclase; Prostitución; Fernanda Farias de Albuquerque.



## A Saga Amorosa em narrativas de vida transclasses: um olhar sobre a obra *A Princesa*, de Fernanda Farias de Albuquerque e Maurizio Jannelli

Giovanna Bardini

 <https://orcid.org/0000-0002-2112-9589>

> [gyovannabardini@gmail.com](mailto:gyovannabardini@gmail.com)

Mestra em Letras

Universidade Estadual de Santa Cruz

### Introdução

Enxergo a capacidade de contar histórias como culturalmente intrínseca à nossa sociedade. Assim como taxonomicamente somos conhecidos como *homo sapiens*, há a possibilidade de também sermos classificados como *homo narrans* (Machado, 2016) por conta dessa habilidade. Dentre as histórias possíveis de serem contadas, há aquelas narradas a partir de experiências próprias do indivíduo que enuncia, evocando aspectos particulares da sua nacionalidade, classe social e cultura. O artigo que se segue é organizado a partir da minha inquietação com o estudo de narrativas genealógicas de pessoas dissidentes de sexo e/ou de gênero. Em minha dissertação de mestrado, ainda em andamento, escrevo sobre a obra *A Princesa: a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha*, buscando realizar leituras que investiguem o fazer narrativo que salta aos olhos, mas também estabelecer paralelos com outras áreas do conhecimento, costurando à análise referências interdisciplinares para abarcar as possibilidades dos aspectos linguageiros e psicossociais presentes no *corpus*.

A obra *A Princesa*, lançada primeiramente na Itália, no ano de 1994, e no ano seguinte traduzida para o Brasil, recebendo pela editora Nova Fronteira o subtítulo *a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha*, é um exemplo de como produções “viralizadas” no exterior ainda permanecem desconhecidas em nosso território nacional, mesmo beirando três décadas de publicação. Assinada por Fernanda Farias de Albuquerque, uma transexual, prostituta e brasileira, e Maurizio Jannelli, um italiano ex-membro das Brigadas Vermelhas, é uma narrativa que resgata aspectos da infância de Fernanda no interior do nordeste do Brasil, da juventude em diversas capitais, até chegar à vida adulta, momento em que ela alcança as calçadas do exterior. Ambos em situação de cárcere em Roma, em que ela cumpria pena de 6 anos por tentativa de homicídio e ele, prisão perpétua por terrorismo, buscaram escrever a obra, por meio de bilhetes e de um caderninho amarelo que viajava entre a seção dos brigadistas e a dos transexuais, movidos pelo propósito de se manterem inteiros diante da realidade de cárcere, “para não se esquecer de ter nascido livre” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p.17).

Com a ajuda de Maurizio e de Giovanni Tamponi, outro colega de cela que mediou o encontro entre os autores, Fernanda dedica seu tempo encarcerada à rememoração dos acontecimentos que acometeram sua vida. Sendo uma criança que cresceu sem a presença paterna e que demonstrava em seus comportamentos uma transgressão da cisheteronormatividade, foi alvo de fortes repressões, desde a mais tenra idade, ao habitar a cidade de Alagoa Grande, no interior da Paraíba. Os ambientes familiar, escolar e religioso demonstravam como a comunidade reprimia toda e qualquer dissidência de gênero àquele corpo nascido com um pênis. Para viver a própria subjetividade, Fernanda percebeu que sair de um interior rural e mirar no progresso das capitais poderia trazer a satisfação que buscava.

Nos estudos discursivos brasileiros, a pesquisadora Ida Lúcia Machado, filiada à Semiologia de Patrick Charaudeau, inaugura o conceito de narrativa de vida para pensar nas produções escritas *daquele-que-se-conta*, observando as nuances empregadas na narrativa para atrair a atenção dos leitores e também os aspectos sociais que circundam o sujeito e a sociedade do momento de escrita da narrativa. Não há, portanto, o interesse de julgar a veracidade dos fatos narrativos, mas de resgatar a versão possível da história de vida do indivíduo que se narra, abarcando “desejos não realizados, vozes imaginárias, objetos, pessoas e lugares cuja dimensão pode ter sido aumentada ou diminuída” (Machado, 2020, p. 47).

Inspirada pela noção de Saga Familiar (Machado, 2020) e ancorada na noção de transclasse (Machado, 2020), busco trazer a esta publicação um recorte da minha dissertação de mestrado. Resgato os relatos da vida amorosa expostos na narrativa e costuro à minha análise o que pensadoras transfeministas, hodiernamente, debatem sobre a solidão na vida afetiva de pessoas pertencentes à comunidade transgênera e entendem como dilemas que permeiam a vida a dois, a fim de inaugurar a noção de Saga Amorosa, meu conceito autoral. Desse modo, guiada pela noção de que o narrar de experiências íntimas pode suscitar certo alívio a quem conta e também despertar o sentimento de identificação em quem tem acesso a tais produções, entendo que a singularidade da narrativa de vida de cada *ser-que-se-narra* não finda em si, mas abre margem para que um outro se encontre representado na escrita desse eu-narrativo.

## A narrativa transclasse de Fernanda

Por uma questão de posicionamento teórico, o termo narrativa de vida é empregado para tais produções genealógicas, uma vez que possibilita o direcionamento do olhar para as diversas estratégias languageiras (Machado, 2015) mobilizadas pelo sujeito que se narra. Dessa forma, as interações que a autora e também protagonista constrói com a própria história, além de serem marcadas por local, tempo e práticas culturais e sociais específicas, permitem que a reconstrução do que foi vivido seja feita ao seu modo, através de “documentos e escritos pessoais do personagem-objeto-da-narrativa, ou seja, um todo que envolve não só acontecimentos, mas também sentimentos, relações interpessoais, ideologias, crenças e valores” (Carvalho, 2016, p. 27).

A versão possível da história de Fernanda foi atravessada pelos diversos dilemas enfrentados por ela em vida, e a definição do conceito de transclasse versa muito sobre tais superações. Proveniente da francesa Chantal Jaquet, o termo *transfuge* foi traduzido pela pesquisadora Ida Lúcia Machado (2020) através do neologismo transclasse para tratar daqueles indivíduos que transgridem a norma de reprodução social cunhada, no século XX, por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Nessa relação, um indivíduo transclasse seria o responsável por ser o autor de seu próprio caminho, longe das amarras que o condicionavam a viver de um modo que reiterasse as relações de dominação baseadas em diferenças de poder e de privilégio.

Desde pequena, os relatos de Fernanda indicavam que ela se identificava com papéis circunscritos do universo feminino ao sentir satisfação em realizar atividades domésticas a fim de agradar a mãe, desejar casar com um príncipe encantado e gestar uma criança assumindo o papel de mãe. Durante o cotidiano, ao se olhar no espelho, desejava que seus seios crescessem, que entre as suas pernas o volume desaparecesse e que utilizar roupas ditas femininas fizesse ela se aproximar daquilo que julgava satisfazer seus anseios pessoais em relação à identidade de gênero, como verificado nos trechos abaixo:

**Fernandinho é melhor do que uma filha mulher, acorda cedo e me traz na cama café e tapioca doce. Lava os pratos e já quer lavar roupa também.** Nem mesmo Alaíde e Adelaide aos sete anos faziam tanto. Cícera falava de mim com dona Inacina. **Eu, ali perto, ouvia escondido, cheio de orgulho e satisfação!** (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 28, grifos meus).

Maria das Graças começava com a sua certeza: Fernandinho é o príncipe, e eu, a esposa. Não, eu contestava, também quero casar com o príncipe! Oh! mas você é menino e não menina, não pode! Por que não? **Eu também quero um príncipe encantado!** Não! Você não pode! Dava em confusão e briga. Maria Aparecida me defendia: Sim, Fernandinho também vai casar com o príncipe encantado! Doce Aparecida. (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 28, grifos meus).

Mamãe, como nascem as crianças? É Deus que traz no avião da meia-noite. Eu também nasci assim? Sim, Fernandinho. No dia seguinte, inventei a minha versão. **Deitei em uma cama de capim seco e esperei, olhos para o céu, o avião e o filhinho.** Brincava com Josefa a brincadeira de família. Casinha, panelinhas e papéis familiares. Eu, a mãe. Mas não era meia-noite e ela, minha priminha, envenenou pior que uma urutu: Mas você não é mulher, você é homem! (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 27, grifos meus).

Fugir dos *scripts* de gênero logo na primeira fase de vida demonstrava que Fernanda não performaria a masculinidade hegemônica que a ela era esperada por ter nascido com um pênis e ser chamada de Fernandinho na comunidade em que vivia. A legitimação do que era “ser homem” encontra amparo em discursos, comportamentos, papéis, qualidades e defeitos não reiterados por ela, que borrava tais desígnios ao desejar realizar sua mudança identitária e social para alcançar sua realização pessoal. Logo, embora tecnologias disciplinares intencionalmente interpelem e encontrem em alguns corpos a chance de perpetuar uma ordem de

dominação e de não questionamento dos privilégios sociais, o sujeito também é dotado de autonomia e reconhecimento que possibilitam a construção de estratégias para que ele possa transgredir a norma que se impõe a sua existência (Charaudeau, 1999).

Para construir a sua individualidade, Fernanda sustenta os anseios que fugiam da engrenagem cisheteronormativa. Tal engrenagem é responsável por se consolidar como o funcionamento natural das coisas, a regra a ser seguida sem questionamentos, a partir de uma constituição biológica e de todas as características intrinsecamente anunciadas como específicas à amarração sexo-gênero “vagina–mulher–feminilidade *versus* pênis–homem–masculinidade” (Bento, 2011, p. 553).

Durante os relatos concernentes à infância, Fernanda, com a intenção de se identificar com a corporeidade na qual estava inserida e provocar o questionamento de como uma genitália dita masculina não garante a existência plena de um macho, ajustou metades de cocos embaixo da blusa, pintou as unhas do pé e calçou tamancos para ir à escola, com o intuito de acessar uma conduta considerada feminina. Em ambos contextos, foi alvo de agressões desferidas pela mãe, que constantemente apelava para a violência acreditando ser uma ferramenta educativa para tais transgressões: “Cícera raspou meus cabelos a zero. Tirou fora a vara de marmelo, ameaçou me mandar para a Febem. Um corretivo” (Albuquerque ; Jannelli, 1995, p. 37). O ambiente escolar, por sua vez, também atuava como posto de vigilância da matriz cisheterossexual. Fernanda era alvo de abjeção e marginalizada por reproduzir estereótipos de gênero do universo feminino, sofrendo violência física e verbal pelos colegas de classe e também pelos professores, cujas atitudes validavam episódios de exclusão e silenciamento, além de apontarem a prostituição como determinismo de vida a ser seguido por ela.

Eu tinha nove anos. Lá estavam todos e com eles a minha difamação: seu Dias, o senhor viu o Fernandinho? Anda feito mulher! Rildo gritava feito maluco. Izael Dias me chamou: Fernandinho, ande, mostre para a gente como você anda! Fiquei vermelho de vergonha, mas dei o meu show. Viu, professor? Anda feito mulher, feito veadinho! Eh, meninos, quando Fernandinho for grande vai para São Paulo ou para o Rio dinheiro fácil para ele!, dizia Izael Dias, o professor, e todos gargalhavam. “Veado, toma vergonha, aprende a ser homem.” “Veado gosta de tomar no cu.” Voavam bolinhas de papel, me bombardeavam com bilhetinhos escritos em folhas amassadas. Jogavam nas minhas costas enquanto eu estava no quadro-negro. Chega, filhos da puta! Quando sair daqui quebro a cara de vocês com uma pedra. Pedia ajuda a Izael Dias. Ele requebrava e me imitava com voz afeminada: Fala, diga para mim, Fernandinho, o que você quer? Eu emudecia, coberto de vergonha (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 35).

Bento (2011) aponta que a criança vítima de violência sexual, agressões ou de assédio por apresentar uma performatividade inconforme pode não entender por qual motivo a sua existência provoque a ira, o desprezo, o afastamento e a imposição do ridículo por aqueles que a cercam ou, no caso de Fernanda, por qual razão o termo *veado* é constantemente a ela dirigido, mas detém consciência de que seu jeito de agir deve ser motivo de constrangimento e urgentemente interdito, mesmo que ainda não saiba como. Contudo, mesmo diante dessa

intensa articulação a favor das normas de gênero, Fernanda não limitava o aflorar da sua sexualidade.

Diante de uma comunidade comprometida com a marginalização, Fernanda entende que a manifestação da sua subjetividade seria possível apenas distante de tais núcleos. Enquanto não vislumbrava formas de sair do interior, andava sozinha, no caminho entre a casa e a escola, procurando formas de viver sua identidade de gênero e sexualidade sem julgamentos. Em meio à mata, marcava encontro com diversos homens que, por não lembrar dos nomes, chamava-os de Josés:

**Eu era sozinho.** Não sei dizer o que procurava dentro daquelas cabeças duras, cabeças fracas. Naqueles suores azedos, melados, naqueles modos violentos, rudes. **Mas foi assim que atravessei os meus quatorze, quinze, dezesseis anos. Centenas de encontros, reencontros. Três vezes por semana, dois Josés de cada vez.** E uma contagem por baixo. Vinte e quatro encontros por mês durante quatro anos: mil e cem vezes antes da minha partida para Campina Grande.(Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 38, grifos meus).

O novo caminho atravessa o mato e a lavoura, encontro sempre alguém que se aproxima. Camponeses pobres, caçadores. Os homens já não me assustam. Eu os procuro, eles me esperam. Faço o que quero. Francisco insistia, me punha de sobreaviso. É perigoso andar sozinho pelo mato, tem cobra, gato-do-mato! Pobre Francisco, quanta ingenuidade. **Mamãe, vou colher fruta no mato. Ela não respondia. Cícera não ouvia, não tinha mais olhos para ver.** Imbu, cajarana, pitomba, frutas do mato, que eu não colhia. **Escondido, me maquiava, chamava a atenção. Amarrava um lenço na cabeça como as camponesas do Nordeste. Às vezes punha até brincos. Trepava no cajueiro e a cada tiro dos caçadores eu fazia o eco e cantava.** O que você está fazendo aqui, menino? Colhendo fruta. Você espanta a caça, volta pra casa! Não, só depois que você me mostrar seu caralho! O meu José amaldiçoava os santos mas eu não desistia, sabia como fazer. Era a minha presa quotidiana. No emaranhado do cerrado eles cediam muitíssimos - à minha submissão. Eu captava o desejo nos olhos deles, entre as coxas. Senhor José, deixa eu ver seu caralho! Palavras mágicas, terremoteavam as cabeças com desassossego e confusão. No cerrado o Príncipe reinava comigo, eu o servia. Com a boca, com o cu (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 42-43, grifos meus).

Após um alistamento militar feito para atender os anseios de sua mãe Cícera, Fernanda é dispensada por excesso de contingente — ato tratado como um favor conferido pelos oficiais após ter a sua masculinidade testada e atestarem sua fuga da ordem de gênero. Como saída para um futuro que não contemplou os desejos de sua mãe de ter um exemplar de sua prole como oficial do exército, Fernanda sai do interior e se muda para Campina Grande, cidade em que sua irmã morava, para trabalhar durante o dia como operária em uma fábrica e terminar os estudos à noite. Contudo, foi no dinheiro advindo da prostituição que vislumbrou possibilidade de sobreviver financeiramente, da sua subjetividade ganhar materialidade e de produzir quem ela era, além de ser “uma fonte de experiências prazerosas e recompensadoras” (Kulick, 2008, p. 151) ao ser desejada pelos clientes que passavam por ela: “Na calçada

batalhava nua feito pantera. Tinha uma bunda sensacional e peitos e collants e tudo no lugar. O meu José paulista caía como um pato. Eu não me prostituía, eu vendia um sonho” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 93).

A noção de transclasse, como transgressora dos padrões impostos, pode encontrar uma barreira neste determinismo que assola grande parte das corporeidades dissidentes. Apesar da prostituição consistir em uma prestação de serviços consentida e praticada por pessoas adultas que trocam sexo por dinheiro ou outros bens, para alguns grupos da sociedade, sobretudo para alguns indivíduos que possuem baixa escolaridade e classe social, figura como o único espaço possível de angariar independência financeira, liberdade sexual e construir afetos (Prada, 2017). Fernanda detém a oportunidade de, em outras cidades, trabalhar como empregada doméstica e cozinheira em uma churrascaria, mas, como a sua existência ameaçava os limites da fronteira de gênero, era motivo de incômodo para os empregadores: “Princesa se esconde. Não deixe que os clientes te vejam na cozinha. Esconde essas tetas, põe uma roupa decente: tem gente almoçando. A Aids está solta, bichas e travestis metem medo” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 78).

Portanto, para o ser transclasse, a mobilidade e a superação de contextos opressivos são sempre um processo a ser enfrentado, principalmente pelo fato do biopoder capilarmente se expandir para resolver os problemas que destoam do seu sistema de dominação, de vigilância e de supervisionamento “multidirecional, funcionando de cima para baixo e de baixo para cima” (Dreyfus; Rabinow, 1995, p. 203), sendo o responsável por produzir os sujeitos, atravessar as relações e interferir nos modos particulares de ser, pensar e viver. Logo, ler Fernanda como ser transclasse é interpretá-la como uma pessoa que tentou avançar seguindo o caminho que escolheu para si, não se conformando com sua origem e com os desejos dos parentes, mesmo que em alguns momentos certas fronteiras sociais e determinismos ainda estivessem firmemente consolidados.

Desse modo, Fernanda reproduziu a compulsoriedade prevista pelo seu professor Izael Dias e que, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra, 2018), também é o caminho marcado pela precariedade, exclusão, marginalidade, clandestinidade e violência (Prada, 2017) vivenciado por 90% das mulheres transexuais e travestis para a obtenção de renda. Para tanto, enquanto transclasse, Fernanda buscou tornar a sua realidade uma forma de conseguir conquistar não só o seu tesouro, mas materializar a sua subjetividade e explorar a possibilidade de laços afetivos.

### **A Saga Amorosa de Fernanda**

Ao sair do ambiente familiar, a construção da sua feminilidade voltou-se para um tipo específico de feminino. O mundo do trabalho sexual regulado pela farmacopornografia (Preciado, 2018) demandava que o corpo a ser convertido em moeda, em prótese de prótese, fosse regulamentado em consonância ao imaginário de “natureza” brasileira (Boscatti, 2020) para que pudesse ser desejado e alcançasse espaços de privilégio (Boscatti, 2020). Dessa forma,

espelhada nos modelos heteronormativos de corpo da brasilidade dos anos 1970, Fernanda buscou auxílio dos hormônios e das bombadeiras, figura emblemática na cultura transgênero responsável por aplicar clandestinamente e a baixo custo o silicone industrial, para reproduzir um modelo de beleza vinculado ao que era propagado pela indústria cultural, da bunda como acessório da natureza nacional: “Finalmente, eis-me aqui com quadris exagerados, largos e sinuosos como as margens do São Francisco. Meus passos ficam femininos com estas curvas. Curvas que me estreitam suavemente a cintura para chegar sem pressa até os peitos: duas maçãs maduras e perfumadas” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 81).

Após construir a sua corporeidade mais alinhada ao binarismo de gênero, nas calçadas das diversas capitais brasileiras e estrangeiras por onde passou, Fernanda pode experimentar os sentimentos de completude e de liberdade incondicional herdados da noção de amor romântico, embora, concomitantemente, enfrentasse os dissabores do sofrimento e da frustração por destoar da cisgenereidade monogâmica heterossexual que se une para fins reprodutivos. Diante deste cenário, busco observar como a Saga Amorosa de Fernanda se desenvolve em sua narrativa de vida a partir da noção de Saga Familiar criada por Machado (2020), a qual se dedica a refletir, em um espaço narrativo-genealógico, a dose de influência recebida pelos familiares, ou seja, quais os aspectos impostos, desejados e adquiridos, como exemplo ou contraexemplo, responsáveis por modelar este *ser-que-se-narra*.

Com base nos relatos sobre as aventuras vivenciadas com os clientes que buscavam seus serviços sexuais, pude observar, em diálogo com produções transfeministas, uma certa regularidade dos sentimentos suscitados quando o envolvimento ultrapassava a relação prostituta-cliente e evoluía para um enlace amoroso entre os dois. Em vista disso, avistei a oportunidade de delinear o conceito de Saga Amorosa como o momento em que a pessoa-que-se-narra olha a sua vida em retrospecto para observar os laços afetivos e emocionais desenvolvidos com seus pretendentes amorosos, cujo ensejo abre espaço para explicitar os dilemas sociais, ideológicos e de gênero que atravessam as jornadas amorosas de pessoas de gênero e sexo inconformes à normatividade.

Dentre os inúmeros clientes com quem se envolveu sexualmente, seis nomes ganharam notoriedade na narrativa de Fernanda por estreitarem o relacionamento com ela: Sauro Afonso, Heronaldo, Edson, João Paulo, Masaru e Domenico. Ao me apoiar em um arcabouço teórico transfeminista, foi possível observar como o comportamento de Fernanda e as dificuldades vivenciadas: a transfobia, a performatividade dentro dos moldes de uma normatividade binária, o ciúme, as ideações suicidas e os dilemas financeiros também são verificados em relatos de outras pessoas atravessadas por dissidências, mesmo em uma distinta temporalidade.

Havendo a predominância de uma estrutura normatizadora que considera as corporeidades transgêneras ininteligíveis por não haver a dita coerência binária entre sexo-gênero-desejo-prática sexual, Fernanda buscou realizar transformações farmacopornográficas para sentir-se bem em sua corporeidade e, também, desfrutar do seu desejo de ser assumida como mulher, dentro de expectativas cisheteronormativas de relacionamento. Na leitura de Pelúcio (2009), embora as transexuais transgridam o binarismo de sexo e gênero, são corporeidades

que também estão inseridas em um entendimento de performatividade binária ao buscarem exprimir e serem compreendidas, em seus corpos, comportamentos e pensamentos, ligados à ordem moral, como uma expressão legítima do feminino. Para tanto, também projetou expectativas de performatividade na figura de companheiro ideal para si: cisgênero, hétero, másculo, bem dotado, branco e, se possível, provedor (Ulgheri, 2016).

Logo, não só para si, projetam também no outro com quem se relacionam uma expectativa de performatividade alinhada à cisheteronormatividade. Fernanda, em sua narrativa, demarca a atração por homens cisgêneros que performem uma masculinidade dentro dos padrões normativos, tais como: heterossexual, jovem, de corpo atlético, dotado de genital avantajado e que sexualmente ocupe a posição ativa, isto é, penetrando. Ao descobrir que Edson, seu terceiro namorado, mantinha relações íntimas com outro homem, considerou tal ato “a pior das traições” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 74-75). Ao atestar que “Edson estava com um *gay* na praia. Tomavam sol, os fofinhos. Os merdas. Eu tinha dado meu coração e meu dinheiro a uma bicha. Esperei em casa, ele chegou me enojando” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 76-77), encarou a atitude como uma renúncia ao *status* do que seria ser “homem de verdade”, de acordo com esse entendimento de gênero, o que a induziu a colocar um ponto final na história dos dois.

O preterimento afetivo vivido por Fernanda em suas relações fez com que ela vivesse situações, a princípio, inaceitáveis, como traições, dependência emocional e exploração financeira, e fosse alvo de sentimentos conflitantes, como a abjeção e o desejo, por parte dos parceiros. Ao se envolverem com uma trabalhadora sexual transgênera e sentirem intenso desejo por aquele corpo transgressivo associado ao mal (Pelúcio, 2009), buscavam manter os encontros às escondidas para não trazerem à sociedade o conflito que surgia com a própria sexualidade treinada para obedecer aos padrões de uma matriz heteronormativa enrijeecedora dos corpos e prazeres. Diante do perigo de afetar as suas masculinidades, os parceiros mantinham o relacionamento “em contextos privados, a portas fechadas” (Kulick, 2008, p. 220), principalmente porque a posição de amante era ocupada pelas trabalhadoras sexuais e a de esposa assumida, majoritariamente, por mulheres cisgêneras.

Com o seu primeiro vínculo, Sauro Afonso, divorciado, pai, advogado e professor, Fernanda vivenciou episódios de assédio e de transfobia. O companheiro, que reservava os momentos de intimidade com Fernanda apenas no vazio do apartamento, exigia a mudança da vestimenta de namorada: somente calças compridas, mesmo à noite, e, diante da sua mãe, Fernanda era “seu jovem amigo, um estudante, seu pupilo” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 50). O fim do envolvimento se deu após Sauro forçar que Fernanda o assumisse para a sua família, embora ela ainda vivesse a sua sexualidade à margem. Para o enlace com Heronaldo, jovem de dezoito anos e cliente do prostíbulo onde trabalhava em Natal, no Rio Grande do Norte, Fernanda já havia iniciado sua transição hormonal. Renunciou à prostituição após se envolver sentimentalmente, mas os encontros se davam durante à noite, às escondidas, pois Heronaldo detinha compromisso com uma outra moça.

Ao não ser assumida e ao sentir-se instigada pelo imaginário social de que os homens possuem impulsos sexuais “naturalmente incontroláveis” (Pelúcio, 2006, p.529), Fernanda relata como a sua insegurança era despertada, provocando sentimentos de ciúmes que suscitavam perseguições e pensamentos obsessivos ao amado da vez. Abaixo, há trechos que retratam os pensamentos que ocorriam a Fernanda quando Masaru e Heronaldo não correspondiam devidamente aos seus anseios:

Acho que era por isso que, quanto mais o tempo passava, mais eu queria ter ele perto. Todo para mim. Só para mim. Todo meu. Como explicar esta confusão? Não era meu tipo, mas eu queria ele para mim. E assim, o ciúme é o meu tormento. De um momento para outro comecei a suspeitar traições e passei a controlar seus passos com dois telefonemas por dia. A insegurança tinha plantado suas sementes (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 100).

Transbordava, oprimida dentro de tristezas que me torturavam a alma: ele trepa com outra, fala com outra, beija outra. Fechada naquela mansão, eu oscilava de um tormento a outro. Ele era meu e fui procurá-lo em plena luz do dia. No trabalho, na casa da mãe, com Damião, para saber se era ali que ele me traía [...] Em poucos dias, minha febre, o ciúme, devorou todo o paraíso em volta. Engoliu meu sorriso e me cuspiu no inferno. Todo mundo virou meu inimigo [...] Ele me trai, me abandonou! (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 70-71).

À luz dessa circunstância, a transfobia se mostra como uma violência que também retira de corpos transgêneros a oportunidade de receber afeto. Embora sejam desejadas, a construção identitária alinhada ao feminino não é suficiente para que sejam assumidas socialmente e que vivenciem um relacionamento similar aos padrões cisheterossexuais monogâmicos socialmente inteligíveis. Tais existências acabam herdando um limbo afetivo marcado por ciúmes, comparação e sentimentos de insuficiência (Passos, 2015a), pois o receio de julgamento vexatório ao parceiro induz que o relacionamento seja meramente casual ou às escondidas (Passos, 2015b). Nas palavras de Pelúcio (2005), as relações amorosas envolvendo pessoas transgêneras adquire contornos distintos de relacionamentos cisheterossexuais, pois não há:

Nada de encontros cercados de amigos, flertes em barzinhos, passeios de mãos dadas em shoppings, saídas para jantares ou reuniões em casas de parentes. Além disso, [...] costumam ter uma trajetória de vida que as distancia dos padrões de comportamento considerados adequados para certas faixas etárias, mesmo entre camadas populares – saem cedo de casa, em torno dos 14 anos, e geralmente iniciam uma vida noturna sustentando-se através da prostituição (Pelúcio, 2005, p. 235).

Diante dessa busca por legitimação como parceira válida, outro lugar-comum ocupado pelas trabalhadoras transexuais é o de sustentar financeiramente seus parceiros. De uma relação iniciada a partir do contato entre prostituta e cliente, há o escalonamento para o usufruto de outros benefícios para além dos contornos sexuais (Piscitelli; Assis; Olivar, 2011). Para Pelú-

cio (2011, p. 204), a busca de homens cisgêneros pelo envolvimento amoroso com mulheres transgêneras é marcada por uma dualidade, “como um sentimento quase mágico, capaz de dar força e coragem aos amantes, mas que também fragiliza e por isso deve ser evitado. [...] Daí a necessidade de ‘meter’ o dinheiro como intermediador”.

Assim, mesmo que inseridas em um contexto de vulnerabilidade econômica e social, grande parte dos seus ganhos são direcionados para arcar com as despesas dos namorados e maridos, os quais, quando não afetados pelo desemprego, não angariam renda suficiente para contribuir com os custos do cotidiano. O objetivo de instigar a dependência financeira, portanto, se alinha à tentativa de atrair o potencial namorado dotado das qualidades desejadas, sem medir esforços para agradá-lo e mantê-lo confortável, a fim de que a dependência financeira atue como um atalho certo ao coração do amado e consolide o relacionamento (Kulick, 2008).

Tinha também a carteira cheia, meus Josés com dinheiro corrente e Edson que me sorria. Dinheiro fácil e ele dependente de mim. Em poucos meses abri conta no banco, aluguei um quarto no Pelourinho, comprei um Voyage. Não para mim, que não tinha carteira, mas para ele, que eu queria ao meu lado como uma mulher quer um homem. [...] Estava comigo só por dinheiro, se aproveitava (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 74-75).

Na narrativa de vida de Fernanda, o relacionamento com Edson, seu terceiro namorado, homem negro, preguiçoso com o trabalho, casado e pai de duas crianças, se sustentava mediante o medo. Morando em Salvador, cidade marcada pela violência perpetrada contra prostitutas transgêneras, sobretudo pela própria polícia do estado, Fernanda mantinha o relacionamento para preencher a lacuna da solidão que sentia e buscar uma forma de usufruir de uma relativa sensação de segurança tendo uma figura masculina ao seu lado. Contudo, a companhia não era prazerosa entre quatro paredes: “trepar com ele não era bom. Na cama era eu quem insistia: vamos transar? Era um homem frio, que não sabia o que queria. Uma tristeza. Eu querendo ser penetrada, ele com mil desculpas” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 75). Edson também se sentia autorizado a abocanhar grande parte do ordenado de Fernanda. Os ganhos financeiros dela eram sugados pelas despesas do parceiro em drogas, em multas e em demandas da esposa e dos filhos dele. Após uma briga acalorada, acompanhada por uma tentativa de automutilação, Fernanda colocou um ponto final na relação.

Mesmo quando a cartada da dependência financeira não surtia efeito, Fernanda recorria a meios mais extremos para suplicar pela permanência do parceiro. Em sua relação com Heronaldo, movida pelo ciúme ao saber que ele já possuía uma namorada assumida, Fernanda, abarcada pela oscilação de humor que a ingestão de hormônios causava, decidiu tomar o jovem para si: “vou ficar com ele só pra mim, vou conquistá-lo como uma mulher conquista um homem. Meus peitos vão crescer. Meus quadris serão perfeitos como os da Rubirosa. Heronaldo vai ser só o meu bem” (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 70). No entanto, nem mesmo adquirir curvas e volumes atribuídos como específicos do universo feminino fez Heronaldo

permanecer. Fernanda, certa que foi abandonada pelo amado, sucumbiu à tentativa de autodestruição pela primeira vez. Tal postura adotada pela brasileira não foi exclusivamente cometida por ela. Outras mulheres transgêneras, após romperem seus relacionamentos, adotam pensamentos suicidas movidas pela esperança de atenuar a dor emocional e a sensação de desesperança que abarcam seus pensamentos. Após Heronaldo, o seu relacionamento com Masaru e Edson também recebeu os mesmos contornos ao chegar ao fim:

Mudei de casa, aluguei um apartamento na periferia. Cheguei a subir até o décimo quarto andar do novo prédio. Me vi desmilinguida no asfalto, adiei o *gran finale*. Comecei a beber para valer, quase fiquei louca. Todos os japoneses pareciam com Masaru, eu os seguia, chamava. Na noite, botava pra quebrar com um show de baixo nível, descomposto. Perdi a coroa, não era mais Princesa. Ia à luta com qualquer um que chegasse perto. Batia carteira, meu hálito fedia a álcool. Se tivesse continuado naquele caminho teriam me matado, com revólver ou faca (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 103).

Estava amanhecendo quando queimei garganta, vísceras e pulmões com uma mistura de veneno para ratos, água sanitária e óleo diesel. Vomitei espuma branca e sangue, pelo nariz, pela boca. Não sei quem me levou com emergência para o hospital. Acordei depois de dois dias com tubos na garganta e no nariz. Fernanda ocupava a cena, mas ele não voltou. Era dezembro de 1982 (Albuquerque; Jannelli, 1995, p. 71).

Bêbada de uísque, briguei de grito e unha na cara. Quebrei uma garrafa para arrebentar a cara dele, mas faltou coragem. Afundei o vidro no meu braço. Uma cicatriz para sempre. Corte na carne, por uma pessoa que poderia me encontrar espatifada no meio da rua e não fazer nada para me salvar. Edson fugiu, jurei que não me apaixonaria mais. Queria ser amada, mas o final era sempre o mesmo. (Albuquerque e Jannelli, 1995, p. 76-77)

Portanto, após buscar apresentar uma performatividade e corporeidade “suficientemente” alinhada ao feminino, demonstrar ciúme obsessivo e mobilizar um grande fluxo unidirecional de dinheiro, presentes e bens materiais para o parceiro da vez, a última esperança de movimento que assegure a permanência, a obediência e a dependência emocional seria recorrer a práticas que visem ao autoextermínio, a fim de mitigar emocionalmente a situação de término ou abrandar a dor do rompimento do vínculo amoroso. Beatriz Bagagli (2017) alerta como o campo da afetividade na vida de travestis e mulheres transexuais ainda é negligenciado pelas discussões feministas. Em um contexto social em que a cisheteronormatividade dita a norma do que é coerente, o desprestígio da exclusão, da desvalorização e do desrespeito continua encontrando as mesmas corporeidades para perpetuar os seus ciclos de violência e discriminação.

## Considerações finais

A escolha teórico-metodológica de alinhar a pesquisa à Semiologia de Patrick Charaudeau tropicalizada por Machado (2015, 2016, 2020) é de, através do trato da produção enquanto narrativa de vida, não questionar a veracidade da narrativa. O objetivo, portanto, se alinha mais à necessidade de observar a intencionalidade e as possibilidades que motivam certos indivíduos a empreenderem produções genealógicas. Desse modo, o lugar de enunciação dos sujeitos é levado em consideração, sobretudo daqueles que forjam resistências e modos de vida que não correspondem às normas de gênero e sexualidade instituídas socialmente.

Motivada pela discussão transfeminista que se atenta ao direito ao afeto, mobilizei o conceito de Saga Amorosa para, neste artigo, identificar como opera uma estrutura consolidada que normatiza a solidão, a desumanização e a precarização de vidas que são lidas como abjetas (Bagagli, 2017) por não se enquadrarem em uma dita coerência entre sexo-gênero-desejo-prática sexual. Enfatizando Rodovalho (2017), a luta não deve ser pela naturalização de acumular o máximo de estereótipo cisgênero para garantir o respeito da passabilidade, mas de que os sentidos de ser mulher e homem sejam reorganizados e que sejam traçados novos caminhos que subvertam a transfobia e o cissexismo como lugar-comum da Saga Amorosa da comunidade transgênera.

Dessa forma, o conceito de Saga Amorosa, construído a partir do diálogo entre o *corpus* de *A Princesa* e costurado às noções relativas ao enlace amoroso produzidas por pensadoras e teóricas transfeministas, contribui para a área dos estudos discursivos por ser uma nova categoria de análise que se compromete com questões relativas ao debate de gênero nas literaturas, sobretudo as de caráter narrativo-genealógico. À vista disso, ao empregar o conceito, pude observar como a transfobia, a performatividade dentro dos moldes de uma normatividade binária, o ciúme, as ideações suicidas e os dilemas financeiros são recorrentes não apenas na vida amorosa de Fernanda, sujeita-enunciadora transexual, prostituta e nordestina que cometeu suicídio no começo dos anos 2000, mas que hodiernamente também persistem na vida de diversas outras pessoas que se negam a seguir os clamores da cisheteronormatividade.

Assim, busco enfatizar que, apesar da singularidade da narrativa de vida de cada *ser-que-se-narra*, os relatos nunca terminam em si, mas abrem margem para a impossibilidade de isolamento das memórias, para que um outro se encontre representado na narrativa desse eu-narrativo também diuturnamente vigiado por instituições reguladoras dos sexos e da sexualidade. Portanto, ciente dos meus privilégios enquanto mulher cisgênera, branca e heterossexual, não detenho o interesse de falar *por*, mas *sobre* e *com*, quando possível, de forma a utilizar do meu lugar na sociedade para criar espaços em que as narrativas e epistemologias produzidas por pessoas transexuais e travestis, embora ainda permeadas pela subalternidade, possam ser ouvidas e empregadas para a construção de conhecimentos mais inclusivos tanto academicamente quanto socialmente.

**Financiamento** Pesquisa realizada com financiamento da Capes, por meio de bolsa de mestrado. Processo 88887.830292/2023-00.

## Referências

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A princesa:** a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha. Trad. Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017.** Porto Alegre: Antra, 2018.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Orientação Sexual na Identidade de Gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. **Periódicos UNIFAP**, Macapá, v. 7, n. 1, 2017.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 2011. p. 549-559.

BOSCATTI, Ana Paula Garcia. **A bunda e a “natureza” nacional:** a fabricação sexopolítica da brasilidade nos anos 70 e 80. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216095/PICH0213-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em 26 out. 2024.

CARVALHO, Aline Torres Sousa. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso.** Ida Lucia Machado, Mônica Santos de Souza Melo (Orgs.) – Belo Horizonte : Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016a. p.21-42.

CHARAUDEAU, Patrick. **Análise do discurso:** controvérsias e perspectivas. IN: MARI, H., PIRES, S., CRUZ, A., & MACHADO, I. (orgs.). Fundamentos e dimensões da análise do discurso. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999, p. 27-43.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault - uma Trajetória Filosófica:** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.

KULICK, Dom. **Travesti** – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1258>>. Acesso em: 8 maio. 2024. p.95-108

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de Análise do Discurso e sua aplicação em narrativas de vida.** Coimbra, Portugal: Grácio editor, 2016.

MACHADO, Ida Lucia.. **Narrativas de vida:** Saga familiar & sujeitos transclasses. Coimbra: Grácio Editora, 2020.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. A solidão da mulher trans negra. **Blogueiras Negras**, 2015b. Disponível em: <<https://blogueirasnegras.org/solidao-da-mulher-trans-negra/>> Acesso em: 23 jan. 2024.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. Por que os homens não estão amando as mulheres trans?. **Blogueiras Negras**, 2015a. Disponível em: <<https://blogueirasnegras.org/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans-2/>> Acesso em: 23 jan. 2024.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti”. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 25, 2005, p. 217-248.

PELÚCIO, Larissa. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, 2006. p. 522-534. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000200012/7763>>. Acesso em 22 jan. 2024.

PELÚCIO, Larissa. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: BENITEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos. (orgs.) **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009, p. 71-91.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, Jose Miguel Nieto. Introdução: transitando através de fronteiras. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, Jose Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Coleção Encontros, 2011, p.5-30.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, 2017, p.365-373.

ULGHERI, Luciana Miranda Marchini. **Princesa: Natura, cultura, acaso e liberdade**. Tese de Doutorado, Literatura comparada, USP, 2016. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-03052017-092012/publico/2017\\_LucianaMirandaMarchiniUlgheri\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-03052017-092012/publico/2017_LucianaMirandaMarchiniUlgheri_VCorr.pdf)>. Acesso em 15 mai 2023.

Submetido em: 01 dez. 2024.  
Aprovado em: 06 fev. 2026.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“A Saga Amorosa em narrativas de vida transclasses: um olhar sobre a obra A Princesa, de Fernanda Farias de Albuquerque e Maurizio Jannelli”, de autoria de Giovanna Bardini, está licenciado sob CC BY 4.0.

